

Resenha

LARANJEIRA, Lia Dias. *O culto da Serpente no reino de Uidá: um estudo da literatura de viagem europeia, séculos XVII e XVIII*. Salvador: EdUFBA. 2015. 193p.

 <http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v8i2.1766>

Thiago Henrique Mota

Doutorando em História Social da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais

Email: thiago.mota@ymail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-2204-4229>

Recebido em: 23/12/2015 – Aceito em 04/04/2016

Publicado em 2015, o livro em tela foi, originalmente, apresentado como dissertação de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no ano de 2010. Sua autora, Lia Dias Laranjeira, graduou-se em Ciências Sociais na UFBA, onde também concluiu o mestrado. Atualmente, dedica-se ao doutorado em História na Universidade de São Paulo (USP). Fruto de investigações em fontes europeias para compreensão da história africana e resultado de investidas anteriores da autora na história africana, durante a graduação, o livro destaca-se pelo cuidado metodológico, que a possibilitou acessar informações que vão além da superfície textual. A análise da intertextualidade percorre toda a obra, marcada pelos diferentes lugares sociais ocupados pelos cronistas sob escrutínio, que influenciaram diretamente no sentido produzido dentro de seus textos, no tocante ao objeto central de interesse de Lia Laranjeira, que lhe nomeia o livro: *O culto da Serpente no reino de Uidá*.

Esta obra vem a somar com a expansão do campo de estudos africanos no Brasil, pois traz à tona a emancipação deste campo diante da historiografia centrada na escravidão atlântica bem como frente ao Império Português na África. Essas balizas temáticas da produção nacional, que marcam grande parte da produção brasileira sobre História da África, desde a expansão portuguesa, iniciada no século XV, às independências africanas, no terceiro quartel do século XX, são superadas por Laranjeira ao produzir sua análise a partir de quatro autores pouco comuns nas pesquisas brasileiras: o holandês Willem Bosman e os franceses Jean Barbot, Reynaud Des Marchais e Jean Baptiste Labat. Sua expressão também é marcada pelo recorte geográfico: Uidá, localizado na então Costa dos Escravos, que hoje corresponde à região do Togo, Benin e trechos da Nigéria. Pretendendo-se como um estudo da literatura europeia de viagem entre os séculos XVII e XVIII, o livro tampouco perde de vista o objeto relatado e não escorrega no risco de tornar-se um estudo da visão europeia sobre África. Antes, alimenta-se desta perspectiva para melhor observar e compreender o desenvolvimento, as práticas sociais, a dimensão religiosa e o papel das relações de gênero inseridas no culto a Dangbe, a serpente de Uidá.

No livro, a pesquisa encontra-se organizada em cinco seções. Parte da abordagem geral centra-se sobre Uidá na literatura de viagem europeia, passando por considerações sobre a documentação analisada até chegar ao objeto central. As três seções seguintes são dedicadas ao culto: a compreensão do papel da serpente nas práticas religiosas de Uidá é seguida das considerações dos cronistas sobre o uso prag-

mático da fé como forma de obter ganhos materiais, bem como as relações dos estrangeiros com os costumes daquele reino. Por fim, são analisadas as manifestações femininas na iniciação religiosa e seus impactos na estrutura social de Uidá. Toda abordagem é permeada pelo entendimento dos pertencimentos sociais dos cronistas analisados, cuidado essencial à produção de sentido: tanto a coerência interna dos textos quanto sua dimensão social está diretamente atrelada aos papéis desempenhados pelos autores, dimensão recorrente na análise de Laranjeira.

Rejeitadas no estudo da História Africana a partir dos anos 1960, as fontes europeias retornariam a este campo de estudos apenas a partir de meados dos anos 1980. Em 1987, Adam Jones e Beatrix Heintze apontaram a necessidade de rever o papel cabível aos documentos europeus para História Africana, em detrimento de desfazer-se deles sob a acusação de serem portadores de eurocentrismos.¹ Os autores citados chamavam a atenção dos pesquisadores para a emergência de filtros culturais, uma vez que os observadores (comerciantes, missionários, funcionários de burocracias régias e de companhias de comércio) percebiam as realidades africanas através de seus próprios referenciais e a produziam textualmente para consumo de seus pares. Assim, fazia-se necessário produzir ferramentas metodológicas que fizessem tais acervos úteis ao trabalho do historiador. Deste embate, surgiu a necessidade de se considerar o contexto social de referência do produtor da fonte, para que se pudesse analisar seus padrões na comparação indiretamente produzida com as sociedades africanas. Com estes cuidados, concluíam: não há problema no uso de fontes europeias para estudo do passado não-europeu. Paulatinamente, tal documentação passou a ser incorporada em pesquisas sobre África, com crescente cuidado por parte dos historiadores.

Lia Laranjeira leva adiante este projeto, ao construir suas análises sobre o culto a Dangbe a partir de três narrativas francesas e uma holandesa. São elas: *Descriptions des Côtes d'Afrique*, de Jean Barbot (1688); *Voyage de Guinée*, de Willem Bosman (1705), *Journal du Voyage de Guinée et Cayenne par le Chevalier Des Marchais Capitaine Comandant pour la Compagnie des Indes La frégate nome l'Expedition armé au heure de Grace. Enrichy de plusieurs cartes, plans, figures et observations utiles et curieux. Le Voyage comencé le 6 août 1724 et fini le 16 juin 1726*, de Reynaud Des Marchais (1726); e *Voyage du Chevalier Des Marchais en Guinée, iles voisines, et a Cayenne, fait en 1725, 1726, et 1727*, de Jean Baptiste Labat (1730). O estudo é marcado pela adesão à Análise do Discurso, ferramenta por meio da qual a autora aborda as narrativas a partir das “funções desempenhadas pelos viajantes enquanto produziam os relatos, seus respectivos locais de origem, religiões e histórias de vida, assim como os contextos de produção e o formato dos escritos”². Essas referências orientam-na na apreensão dos sentidos narrados.

Tal ferramenta metodológica exigiu de Lia Laranjeira cuidadoso trabalho na caracterização dos gêneros textuais correspondentes a suas fontes. Assim, ela escapa do conceito generalista de relato de viagem em favor de gêneros mais específicos e delimitados que, embora tratem de um referencial geográfico distante da comunidade de origem do autor e do público leitor – portanto, a viagem – não se resume a este elemento externo ao texto. Os gêneros memória, diário e escrita romanesca são utilizados para abarcar os textos analisados, dos quais a autora extrai informações, como a condição social do autor, seu grau de participação nos debates públicos e o desejo de verdade presente nas obras. A compreensão das intertextualidades presentes nas narrativas, apropriações entre os autores, reescritas e transformações nos discursos – sobretudo na relação entre o texto de Labat e Des Marchais – acrescenta grande mérito ao trabalho da autora.

No uso da Análise do Discurso, informação importante é aquela que destaca a dimensão do consumo dos textos na Europa de finais do século XVII e início do XVIII.

¹JONES, Adam; HEINTZE, Beatrix. Introduction. In.: Paideuma. vol. 33, 1987. p.04.

²LARANJEIRA, Lia Dias. O culto da Serpente no reino de Uidá: um estudo da literatura de viagem europeia, séculos XVII e XVIII. Salvador: EdUFBA. 2015, p.23

A autora é perspicaz na percepção do desejo de publicação quando da elaboração de alguns dos textos, o que condicionou o processo de seleção de informações a serem divulgadas; das múltiplas identidades possuídas pelos cronistas (religiosas, nacionais, ocupacionais), que influenciou diretamente na percepção que tiveram da realidade inscrita em seus textos; da familiaridade possuída com o objeto que descreveram (testemunhas oculares, narrador distanciado). Quanto ao público a quem os escritos se destinavam, a autora destaca a manutenção de sociabilidades através da escrita: a troca de correspondências entre Bosman e o médico e oficial holandês Daniel Harvart; o destinatário de Des Marchais, um padre da Academia Real de Ciências da França, possivelmente Jean-Baptiste Terrasson. As relações entre o lugar social do autor, os destinatários dos textos e os lugares ocupados por eles bem como os gêneros textuais escolhidos habilitam a autora na compreensão cuidadosa da documentação, apontando as intertextualidades, os diálogos com a comunidade de sentido dos autores e os filtros através dos quais o culto a Dangbe passa a ser analisado.

Nos estudos do discurso, Dominique Maingueneau e Helena Brandão são taxativos no que tange ao papel ativo desempenhado pelo leitor na produção textual, mormente no nível intradiscursivo, uma vez que o autor planeja e ajusta sua fala com vistas a este interlocutor³. Laranjeira está consciente desta influência, explicitada em sua análise da narrativa de Des Marchais que, embora produzida a partir de testemunho ocular, possivelmente teria sido manipulada de forma a adequar-se ao gosto de seus leitores⁴. Também evidencia que tal estratégia seria comum na escrita de Labat, que não visitou a região e limitou-se a reescrever relatos de outrem, tornando-os mais interessantes, curiosos e exóticos. A percepção da expansão da escrita e da leitura na Europa Moderna é um dado importante, uma vez que várias das fontes consultadas foram publicadas, rumo a um leitor que excede o destinatário inscrito nos textos. A publicação, portanto, desobriga os textos sobre sociedades e geografia africanas a circularem em circuitos reduzidos: como as narrativas jesuítas, fundamentalmente lidas pelos pares ou modificadas para acesso de leitores externos à ordem, seus apoiadores; ou como os memoriais para pedidos de mercês comuns no Império Português, cujo leitor imaginado era a administração régia. Em ambos os casos, a seleção do público leitor orientou a forma de abordagem e a escolha das informações prestadas. Essa constatação nos leva às questões: os textos analisados, sobretudo os publicados – e que pretendiam sê-lo já na escrita –, circularam além de seus destinatários? Quem seria este leitor ampliado? Quais relações ele teria com a escrita ou, noutras palavras, como ele a influenciaria? Questões instigantes.

Os cuidados tomados por Lia permitiram-na construir uma excelente dissertação, agora publicada, que traz à tona a centralidade do culto da serpente na organização social e política de Uidá, reino enclavado numa região de grande destaque no cenário do tráfico atlântico. A dimensão do mito de Dangbe e suas relações diretas com a política no Golfo do Benin são percebidas pela autora. Assim, a migração da serpente como parte fundadora do mito expressa a transferência de poder de Aladá a Uidá, quanto da independência deste último frente ao primeiro, na década de 1660. Dangbe converter-se-ia em índice de identidade em Uidá, bem como na principal divindade cultuada no reino emancipado, diretamente associada ao poder monárquico. Na análise de Laranjeira, portanto, a serpente corresponderia ao elo entre poder político e religiosidade, atuando fortemente na coerção social do reino. Tais conclusões seriam inexequíveis caso a metodologia adotada impossibilitasse a autora de despir as narrativas de seus referenciais europeus, nos quais a serpente figura como índice do pecado e os ritos de iniciação são vistos como bruxaria.

Alimentando-se das representações, mas superando-as como limite superior dos estudos sobre História Africana em fontes europeias, Lia Laranjeira descreve traços da

³MAINGUENEAU, Dominique. Novas tendências em análise do discurso. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP/Pontes Editores. 1997; BRANDÃO, H. H.. Introdução à análise do discurso. Campinas (SP): Editora da Unicamp. 2004.

⁴LARANJEIRA, op. cit., op. cit., p.120

organização social em Uidá, das cortes associadas ao poder político e das dimensões econômicas do culto à serpente. Da mesma forma, avança na compreensão do lugar social ocupado pelos comerciantes europeus naquelas terras, as restrições que lhes eram impostas e desconstrói, mais uma vez, a tese do predomínio europeu na África dos séculos XV-XVIII. O destaque às interdições às quais estes indivíduos estavam sujeitos e a obrigação de respeitarem as manifestações socioculturais locais caminha paralelamente à busca realizada por eles rumo à inserção comercial, controlada por potentados locais. Assim, nas narrativas estudadas, a pesquisadora aponta o reduzido proselitismo religioso holandês como estratégia mobilizada por Bosman rumo ao favorecimento do tráfico de Uidá com Holanda, frente às demais nações europeias, nomeadamente França e Portugal. Finalmente, o último capítulo é marcado pelas formas de empoderamento feminino presentes no culto a Dangbe, as implicações sociais decorrentes e suas relações com o tráfico atlântico. Novamente, é o desnudamento do olhar da alteridade que permite o aprofundamento da análise, superando o olhar dionisíaco e associação bíblica ao rito iniciático naquele trecho da costa africana.

O culto da Serpente no reino de Uidá traz, como destacado nesta resenha, o comprometimento metodológico da autora como um de seus pontos fortes, que o tornam recomendável à formação de novos pesquisadores. O livro teve lançamento na *I Jornada de Estudos sobre África Ocidental*, realizada na Universidade Federal de Minas Gerais, em outubro de 2015, e contribuiu com a exposição da verticalização da agenda de estudos sobre África realizados no Brasil através de especializações espaciais. Em expansão desde meados dos anos 1990 e, de forma intensa, a partir dos anos 2000, tal campo de estudos tem produzido pesquisas cujas contribuições lhe excedem os domínios, fortalecendo toda a área das Ciências Humanas brasileiras. O livro de Lia é fruto desta nova safra.